

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 80

Data: 27.03.83

Pg.: _____

CADIVEUS X POSSEIROS

Legado de D. Pedro I, a Reserva Bodoquena, dos índios cadiveus, em Mato Grosso do Sul, está ocupada por 1.500 famílias de posseiros que habitam o local há 50 anos. Os índios, agora, empregam nova tática para expulsá-los.

Guerra psicológica

CAMPO GRANDE (O GLOBO) — Os índios cadiveus adotaram uma espécie de "guerra psicológica" para expulsar de suas terras — a Reserva Bodoquena, localizada no município de Hiranda, a 350 quilômetros de Campo Grande — as 1.500 famílias de posseiros que habitam o local há mais de 50 anos. Isso acontece a menos de duas semanas, depois do ataque indígena no qual o fazendeiro Manoel Ricardo da Silva e seu filho Manoel Júnior foram massacrados por 60 cadiveus, que utilizaram flexas, paus, pedras, facas e armas de fogo.

O Delegado Regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Amaury, confirmou a "guerra" indígena, afirmando que "o ambiente é de tensão permanente na reserva dos cadiveus. Isso porque a Funai não pode garantir a vida de nenhum dos posseiros, tampouco qualquer força policial, devido à descentralização dos núcleos de posseiros e à disposição dos índios em defender suas terras ocupadas.

INTIMIDAÇÕES

A ação dos índios se faz por intimidações, através de ameaças que "não passarão de uma guerra psicológica, até que seja concluído o prazo para que os posseiros retirem das propriedades todos os pertences, inclusive o que plantaram ou criaram nas terras indígenas. De qualquer forma, o prazo vencerá no final deste ano — e depois disso não garantiremos mais nada com relação aos posseiros — assegura Carlos Amaury.

Os posseiros se retiram em massa da Reserva Bodoquena: todos os dias, à média de seis famílias, rumo outras regiões do estado.

— Essa retirada — esclarece a Funai — é consequência do medo que tomou a Reserva, onde índios e brancos não podem sequer encontrar-se, sem que haja insultos de ambos os lados. Estamos com força policial para garantir que os posseiros retirem seus pertences, mas não garantiremos a vida de ninguém em locais isolados da Reserva.

Em geral, os posseiros querem deixar a Bodoquena, à exceção de quase 200 famílias sem as mínimas condições de retirada. Para elas — segundo Carlos Amaury — o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), estuda meios para assentamento desse pessoal em outras áreas. Inclusive, já se realiza levantamento minucioso sobre as reais necessidades dessa gente, e também a disposição de serem transferidos para lugares onde há possibilidade de colonização.

'VELHOS GUERREIROS'

Os conflitos entre índios e posseiros são uma rotina há mais de 20 anos na Serra Bodoquena, e ganha intensidade na medida em que os índios vão se conscientizando de que são os legítimos donos da reserva, delimitada, ano passado, pelo Exército, em 538 mil hectares. A propriedade dos cadiveus está assegurada, conforme escritura de doação feita por Dom Pedro I, por terem os cadiveus lutado "bravamente" em favor do Brasil, na guerra do Paraguai.

Eles ainda não perderam a fama de "guerreiros", embora estejam reduzidos a pouco mais de 1.500 legítimos cadiveus — segundo senso indígena realizado, em 1981, pelo Projeto Rondon. No massacre do dia 7 de março, dezenas de testemunhas confirmaram as declarações da viúva de Manoel Ricardo da Silva, de que "os índios estavam pintados de vermelho e preto, correndo em círculo e promovendo uma tremenda gritaria".

O delegado da Funai acredita que os cadiveus embora aparentemente socializados, inibem sua verdadeira identidade e personalidade.

— Eles — disse Carlos Amaury — conversam como branco, mas no incidente do último dia 7 agiram como índios. Está certo que houve boa dose de emoção nas declarações da viúva do Manoel, mas o jeito que eles atacaram é o de sempre ou seja, tipicamente indígena. Esse é um dos motivos que reforça a instabilidade dos posseiros, ali. Ninguém pode prever quando haverá um novo conflito".